



Brasil S/A

por Antonio Machado
machado@cidadebiz.com.br

Nasce outro consenso

Dois gigantes chamam a atenção no mundo pelas suas contradições aguçadas pela pandemia. Em tese, o progresso os assistia por igual — território extenso, riquezas naturais, língua única, colonizados por imigrantes em busca de vida melhor. Na prática, tomaram caminhos opostos desde sua gênese, muito próxima no tempo. Eles tendem a se cruzar se não houver fortes mudanças, cuja receita se assemelha a cada um. É a missão de Joe Biden dada pelo voto.

Sim, falo de EUA e Brasil. A maior potência global luta contra a decadência, cada vez mais exposta pela rápida ascensão da China.

Já o gigante pela própria natureza, segundo o Hino Nacional, nunca teve um passado de fartura a nos guiar na busca por um regresso, ao contrário dos EUA, ainda muito ricos, e da China, cultura com cinco mil anos de história ininterrupta. Até onde a vista alcança, sempre fomos uma nação interrompida, e continuamos pela carência histórica de lideranças visionárias. O presidente Jair Bolsonaro nem tem tal pretensão.

A incapacidade de tranquilizar a população assombrada pelo vírus, apresentando um plano crível de imunização ampla e irrestrita, é a última da longa série de evidências de um país sem rumo e governado por uma gente ora inepta, ora esnobe, mas sempre rasa e insensível.

Desse mato não sai cachorro, como se diz. Mas há salvação. Numa de suas visões, o grande Chico Xavier escreveu que, “embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”.

É a esperança do novo governo dos EUA. Deveria ser a nossa também.

Político sem o carisma de Franklin Roosevelt, presidente que tirou os EUA da bancarrota nos anos 1930 e implantou os alicerces da era dourada do capitalismo, Joe Biden sugere saber o que dele se espera.

Os governantes do pós-New Deal de Roosevelt desmontaram a partir dos anos 1970 a ideia da grande sociedade de renda média, capaz de garantir sua empregabilidade, a saúde da família e a educação dos filhos sem amparo estatal. A sustentação social, criada só para os mais carentes, veio da indução via impostos e tarifas para que as empresas crescessem investindo seus lucros e gerando empregos.

Esse dirigismo cedeu lugar ao tal neoliberalismo, que Donald Trump jurou enfrentar, não o fez, e Biden quer reformar, se puder, com gasto público e política industrial. Tal discussão se insinua por aqui.

Progresso compartilhado

A questão toda se resume, lá e aqui, ao progresso compartilhado, o que não tem havido nos EUA. Nem no Brasil, em que o quadro social é dramático, sobretudo pela estagnação industrial há 40 anos.

Nos EUA, a pauperização da classe média desembocou na eleição de Trump com a promessa de trazer de volta as fábricas e empregos que migraram para a China, em particular. Fez o oposto: cortou impostos das empresas e dos ricos; abriu uma guerra comercial e tecnológica com os chineses, que não reduziu o déficit comercial e reforçou a influência da China na Ásia; e tirou os EUA do Acordo de Paris no momento em que a proteção ambiental se torna unanimidade no mundo.

A economia americana, tal como aqui, mostra na superfície sinais de força, ao agrado do mercado de ações. A competitividade empresarial, porém, é cadente e desafiada pela tecnologia, minando empregos em tempo integral e a renda, origens do endividamento pessoal crônico.

Tais eventos explicam mais a polarização política nos EUA que o ressurgimento do racismo estrutural, as diferenças identitárias e o ambiente de ódio insuflado pela extrema-direita trumpista, segundo o grupo American Compass, formado por conservadores reformistas.

O dogmatismo inexpugnável

O painel das grandes tendências econômicas, tecnológicas e sociais em curso no mundo demonstra a mediocridade das nossas discussões e a falta de caminho, ilustrada pelas preocupações levadas à imprensa pela nata dos economistas mais ouvidos. Falam de precipício fiscal.

“O debate no Brasil está mais ortodoxo que o FMI”, criticou André Lara Resende, principal formulador da reforma monetária de 1994 com o colega Pérsio Arida, num fórum da FGV na última quarta-feira. “É impressionante o dogmatismo inexpugnável entre os economistas”.

E nos Estados Unidos, referência acadêmica e profissional da maioria deles?

Depois de um evento, por acaso também no dia 2, o ex-economista-chefe do FMI Olivier Blanchard, professor emérito do MIT (Massachusetts Institute of Technology), afirmou: “Pensando minhas palavras com cuidado: podemos estar à beira de uma mudança no paradigma fiscal”. Ele se referia ao “grande acordo”, a concordância de nomes como Lawrence Summers (titular do Tesouro no governo Clinton), Ben Bernanke, chefe do Fed (Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos) na crise de 2008, e os professores de Harvard Jason Furman e Kenneth Rogoff. Só medalhões.

Emitir para crescer

Em resumo: os acadêmicos que mais fazem a cabeça dos mercados e da elite dos economistas no mundo afirmam que a estagnação econômica, portanto, social, deve ser enfrentada pelo governo Biden com mais emissões de dívida e de moeda, sem receio de colapso do dólar e de inflação, já que os juros baixos terão vida longa.

Não se trata de emitir para gastar com mordomias, mas para investir. E só.

Tal receita, com algumas adaptações, serve ao Brasil. Esse “novo consenso” combina as políticas fiscal, monetária e industrial — que nos EUA começa a perder a mácula de maldita, com a tecnologia como pivô, associada à mudança ambiental não só pela razão climática.

O mundo tende a reunir o keynesianismo do pós-guerra com as peças sociais do New Deal e o arrojado das startups com base tecnológica. Tudo junto e misturado. A lógica financista da desregulamentação de mercados e Estado mínimo já começa a mudar. Mas não no Brasil.

Aqui falta governo para comprar vacinas e montar um plano de imunização maciça. “Tudo por culpa da China e do Biden”, gritarão os radicais.

BANCOS / Em meio ao aumento de 60% em tentativas de golpes contra maiores de 60 anos durante a quarentena, autorregulação para frear fraudes entra em vigor em 2021

Novas regras para proteger os idosos

Luiz Michelini/Divulgação

» VERA BATISTA

Levantamento da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) revelou que, desde o início da quarentena, houve um aumento de 60% em tentativas de golpes financeiros contra idosos. Por isso, a entidade criou regras específicas para esse público, que muitas vezes é vítima de parentes e até de gerentes que empurram uma série de produtos inadequados ao perfil desses consumidores. As novas normas entram em vigor em 2021. “Esse modelo vem sendo desenvolvido desde 2008 e é um compromisso voluntário das instituições financeiras”, afirmou Amaury Oliva, diretor de Sustentabilidade, Cidadania Financeira, Relações com o Consumidor e Autorregulação da Febraban.

Na prática, segundo Oliva, a conscientização sobre possíveis fraudes contra clientes idosos terá várias frentes. Para o público externo, o principal foco é o alerta para que não caia facilmente em golpes. E para os funcionários, será feito um esquema de treinamento para que entendam como se relacionar com os mais velhos e com pessoas de pouco conhecimento de internet e redes sociais. O diretor da Febraban não explicou exatamente qual será a estratégia para resolver o dilema de profissionais que são pressionados pelos bancos para vender vários produtos e bater metas em meio à nova tendência determinada pelo Conselho de Autorregulação.



Amaury Oliva, da Febraban: novo modelo vem sendo estudado desde 2008 e entrará em vigor no ano que vem

“Já existem normativos que determinam a adequação do perfil do cliente”, explicou.

A quantidade de pessoas expostas à ação dos fraudadores é grande. Segundo informações do Banco Central (BC), em 31 de outubro deste ano, 177.430.369 de pessoas físicas (CPF) mantinham relacionamento ativo com bancos. O BC, que é o órgão regulador do mercado financeiro, não tem estudo específico para os idosos, mas divulgou alertas para o público em geral sobre possíveis golpes. Há também recomendações em relação aos empréstimos consignados.

Conselho

A iniciativa do Conselho de Autorregulação da Febraban foi apoiada por vários consumidores. Uma técnica do governo contou que, mesmo sabendo que ela era servidora pública, com formação em contabilidade, um funcionário do banco convenceu o seu avô a fazer um plano de aposentadoria, com retorno em 20 anos. “Ele tem, agora, 85 anos, e paga esse plano há cinco. Ou seja, desde os 80 anos. E continuaria assim se não descobrissemos quando ele ficou doente, no início de março. Um absurdo”, reforçou.

Além da dissimulação de bancários mal-intencionados, há vários golpes financeiros contra idosos. Um crime famoso, citado pela Febraban, é o do falso motoboy. Esse, especificamente, teve aumento de 65% durante o isolamento. Os criminosos entram em contato com as vítimas, como se fossem funcionários de algum banco, para comunicar transações suspeitas com o cartão de crédito. Convençam o idoso a revelar dados pessoais e, em seguida, informam que um motoboy será enviado para recolher o cartão, supostamente clonado, para que seja feito o cancelamento de compras irregulares.

Bloqueio de telemarketing

Com as novas regras que entrarão em vigor em janeiro, recentemente aprovadas pelo Conselho de Autorregulação da Febraban, os clientes com mais de 60 anos vão ter à disposição o serviço “Não perturbe”, que é o bloqueio de ligações de telemarketing, normalmente de empresas oferecendo insistentemente serviços para aposentados e pensionistas. Movimentações e transações financeiras suspeitas, atípicas ou recorrentes também serão bloqueadas, caso o consumidor se considere em situação de abuso patrimonial.

Muitas vezes, essa situação acontece dentro de casa, com parentes e cuidadores que, com a senha e informações privilegiadas, gastam todo o dinheiro e deixam o idoso à míngua. E se o cliente quiser, poderá contratar serviços de alerta de transações e movimentações, com cadastro do número de telefone do idoso ou de pessoa de sua confiança. Quando as demandas não puderem ser solucionadas no primeiro atendimento, as instituições financeiras se comprometem a priorizar o tratamento de reclamações registradas pelos idosos no Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) e na Ouvidoria do banco.

Treinamento

Os funcionários, segundo a Febraban, serão treinados e capacitados em temas sobre proteção e direitos dos consumidores idosos. Ainda de acordo com a entidade, no sistema de Autorregulação, os bancos que aderirem ao programa se comprometem a seguir as regras estabelecidas. Eles serão supervisionados e poderão sofrer punição em caso de descumprimento. A autorregulação foi aprovada em 20 de outubro. Faz parte de um conjunto de medidas para coibir fraudes e a violação patrimonial contra idosos. Em outubro, a Febraban, com o apoio da Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa e do Banco Central lançou campanha para informar e conscientizar os consumidores sobre as ameaças. (VB)



EDIÇÃO Nº 777 | ANO 45

Boletim informativo das Organizações Paulo Octavio

6 DE DEZEMBRO DE 2020 | BRASÍLIA/DF

Informe Publicitário



FEIRÃO BLACK FRIDAY BALI





BLACK FRIDAY BALI

132 CARROS VENDIDOS

Preços especiais, prêmios incríveis e condições únicas, marcaram o Feirão Black Friday Bali. Um evento no formato Live, que contou com a participação dos jornalistas Clayton Sousa e João Fusquine, do radialista Dodô Bonfim e dos craques da Bali, Fábio Silva e Rogério Dias.

Com transmissão ao vivo pela TV Brasília e nas redes sociais da concessionária, o Feirão Black Friday Bali foi um grande sucesso de vendas com a comercialização de 132 veículos e grande movimento nas lojas.

Foram sorteados sete prêmios e os sete felizes ganhadores levaram para casa R\$ 2 mil em dinheiro (R\$ 1 mil por sorteado), 2 revisões (uma por sorteado), 1 alarme, 1 som Bluetooth e 1 banco de couro. Ao todo, o sorteio contou com mais de mil inscrições de todo o DF.

O Superintendente da Bali, Ildeumar Fernandes e o Diretor Comercial, Ricardo Braga, comemoraram mais uma estratégia comercial bem sucedida da empresa e agradeceram a atuação das equipes no atendimento aos clientes através dos canais on-line e também nas lojas do SIA, SAAN e Cidade do Automóvel.

www.paulooctavio.com.br